

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 240 — Pôrto

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Os judeus refugiados na cidade do Pôrto

organizaram os trabalhos de manipulação e cozedura do «pão ázimo», que deverá ser comido durante a Páscoa dos hebreus

Coincidindo com o começo da lua-cheia, celebrar-se-á em todo o mundo israelita, de 11 a 18 do próximo mês de Abril, a quadra festiva e soleníssima da Páscoa dos hebreus—que, para os proscritos daquella crença religiosa, constitue também um acontecimento deveras notável, sob os pontos de vista histórico, social, familiar e agrícola. Relembrem-se, assim, numa tradição multiseccular e com um ritual caprichosamente votivo, as tormentosas vicissitudes do duro cativo e da escravidão servil que o povo hebraico suportou no Egipto, até o advento glorioso da hora suprema do seu resgate, da sua liberdade e da sua independência...

Segundo a narrativa bíblica, os inimigos dos israelitas sofreram depois o terrível

flagelo das dez pragas, que, num cortejo apocalíptico, devastaram e cobriram de luto e de miséria o antigo reino dos Faraós. Baixou, então, à Terra o «anjo exterminador», que, numa só noite, feriu de morte todos os primogénitos das famílias egípcias. A intervenção dêsse poder sobrenatural favoreceu ainda o povo hebreu, quando, sob o comando de Moisés, pôde evitar a ira dos seus perseguidores, atravessando a pé o leito do Mar Vermelho—

cujas águas se afastaram, miraculosamente, abrindo caminho para a margem oposta... Nesta quadra pascal, reúniam-se antigamente, em Jerusalém, milhares de judeus espalhados pelos mais distantes pontos do Universo—que, à semelhança do lendário Ashaverus, pareciam condenados pela maldição duma vida errante e tormentosa. E confortavam-se



Cliché gentilmente cedido por O Primeiro de Janeiro.

Refugiados Judeus no Porto durante a II Guerra Mundial

Figura 1 – Os judeus refugiados na cidade do Porto organizam os trabalhos de cozedura do «pão ázimo» que deverá ser comido durante a Páscoa (Fonte: Ha Lapid, n.º 104, 1941)

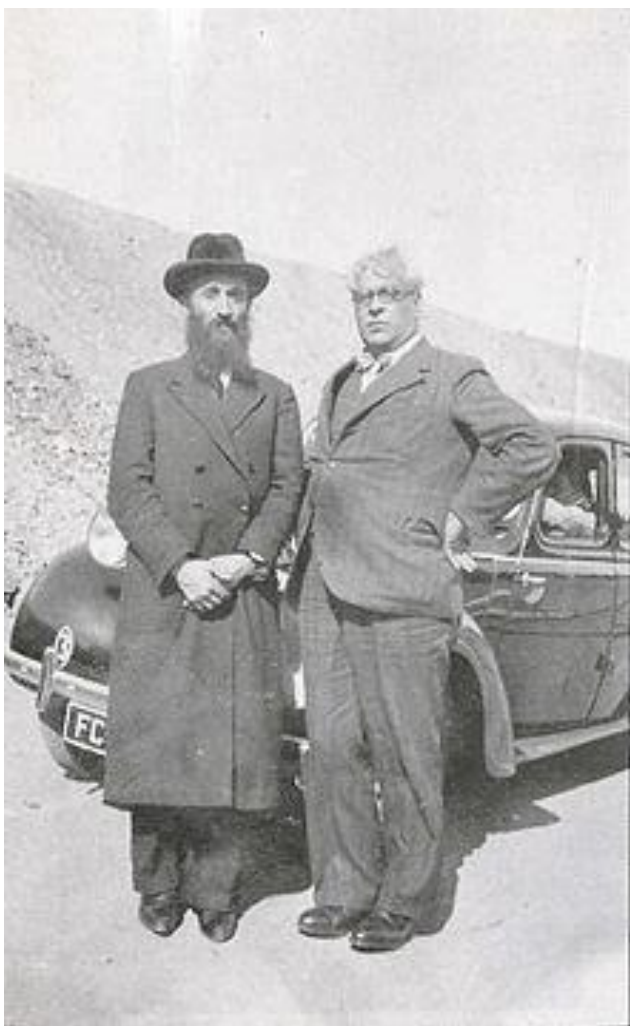


Figura 2 – Rabbi Chaim Kruger com Aristides de Sousa Mendes, 1940 (Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Aristides_de_Sousa_Mendes)

Devido ao facto de Portugal ter permanecido neutro na Segunda Grande Guerra, vários milhares de judeus conseguiram refugiar-se neste país, para mais tarde rumar a África ou à América.

A grande vaga de refugiados deu-se com a ocupação de Paris pelos alemães, em junho de 1940, em que conseguiram entrar em Portugal milhares de judeus, possuindo vistos de entrada dados pelo cônsul português de Bordéus Aristides de Sousa Mendes (mais tarde afastado do seu cargo por desobedecer às diretrizes do regime que o impediam de passar vistos a quem não possuísse um visto de país de destino, ou seja, de salvar vidas humanas).

É importante referir que a entrada de refugiados neste período foi bastante dificultada, sendo as restrições à entrada no país tanto maiores quanto o número de judeus que pretendiam utilizar Portugal como “plataforma de salvação”. Num país ditatorial como era Portugal na altura, a António de Oliveira Salazar não interessava a vinda de refugiados vindos de países mais desenvolvidos que pusessem em causa as condições de vida dos portugueses e, sobretudo, que pusessem em causa os valores e ideologias do Regime do Estado Novo.

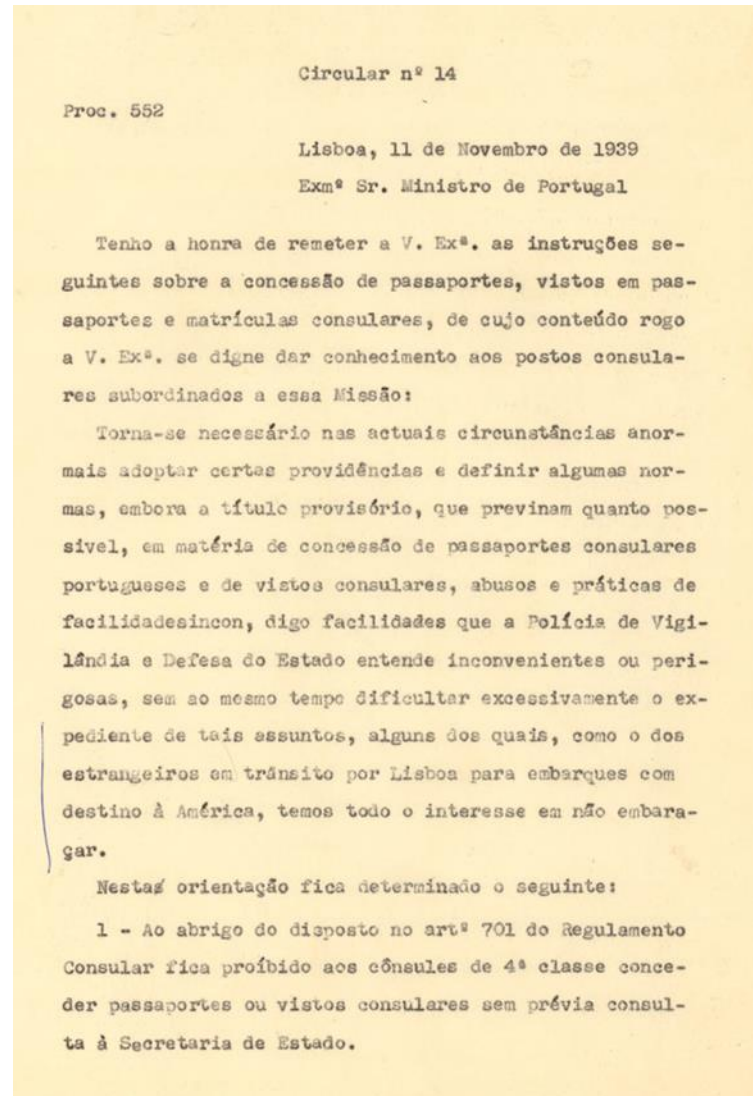


Figura 3 - Circular n.º 14 que proíbe os cônsules portugueses de passarem vistos a refugiados judeus, 11 de Nov. de 1939 (Fonte: <http://mvasm.sapo.pt/>)



Figura 4 - Casamento de refugiados de guerra (maestro Fitelberg), na Curia, 1940-41 (Fonte: <http://expresso.sapo.pt/amor-em-tempo-de-guerra=f560136>)

Ainda assim, Portugal acabou por deixar entrar muitos dos refugiados, não tendo perseguido os refugiados clandestinos/ilegais que foram sendo transferidos para as designadas “zonas de residência fixa”, nomeadamente Ericeira, Estoril, Figueira da Foz e Caldas da Rainha, onde foram acolhidos por portugueses hospitaleiros, sensíveis aos seus dramas e sem atitudes antissemitas.

A estadia destes refugiados era curta, podendo estar em Portugal apenas enquanto aguardavam um transporte até um país de acolhimento/exílio. É este facto que justifica a existência residual de refugiados em Portugal em 1944 (menos de mil).

Portugal permitiu, também, devido à pressão feita pelos países Aliados e por elementos influentes da Comunidade Israelita de Lisboa, a instalação de organizações internacionais de auxílio aos refugiados. Entre estas organizações destacam-se a COMASSIS (Comissão Portuguesa de Assistência a Judeus Refugiados), a JOINT (American Jewish Joint Distribution Committee), o HICEM (anacrónico das três organizações que a compunham: Hebrew Immigrant Aid Society, Jewish Colonization Association e European Emigdirect) e a Secção de Assistência aos Refugiados da Comunidade Israelita de Lisboa.



Figura 5 - Crianças judias acolhidas em Portugal pela COMASSIS (Fonte: <http://cdhumanos-rb.blogspot.pt/2012/08/portugueses-no-holocausto-no-livro-de.html>)

Além da grande concentração de refugiados em Lisboa, os refugiados agrupavam-se noutras regiões do país como o Porto, onde aí se estabeleceu uma delegação da COMASSIS, em colaboração com a Comunidade Judaica do Porto, liderada por Barros Basto.

À frente da delegação da COMASSIS no Porto, cujos serviços caritativos funcionavam na própria Sinagoga, estava Hans Warmbrunn, que emigrara com a mulher para Portugal vindo de Frankfurt. Como representante da COMASSIS, competia-lhe distribuir o dinheiro da assistência aos refugiados, dirigir-se à PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) no Porto para obter licenças de embarque para os refugiados que precisavam de embarcar no porto de Lisboa, tratar de assuntos burocráticos e dar resposta às necessidades de culto religioso dos hassidim.

REFUGIADOS

Beth-Ha-Midrash — Para que alguns refugiados israelitas do rito askenazy (Tudesco) fizessem as suas orações quotidianas segundo o rito a que estavam acostumados, a subcomissão portuense de assistência aos judeus refugiados, dirigida pelo Sr. Hans Warmbrunn, criou na Rua da Boavista n.º 276, um Beth-Ha-Midrash (oratório) para êsse fim. A Comunidade Israelita do Pôrto (Rito Português) pela sua 6.ª secção — Somékh-Ha-Golim (Amparo dos Desterrados) forneceu um Sepher Torah (Livro da Lei), um shofar (busina litúrgica), um Aaron Ha-Kodesh (uma arca de livros sagrados) uma mesa e dois castiçais de cobre.

Figura 6 – Notícia do Ha Lapid sobre o papel de Hans Warmbrunn na ajuda aos refugiados (Fonte: Ha Lapid, n.º 102, 1941)



Figura 7 – Grupo de refugiados à entrada da Sinagoga do Porto (Fonte: Arquivo da família Barros Basto).

A COMASSIS pagava ainda as despesas de viagem dos refugiados e das suas famílias da cidade do Porto para o porto de Lisboa, com dinheiro da HIAS-HICEM, bem como as despesas com fotografias, vacinas e outros documentos que as autoridades portuguesas exigiam para que pudessem emigrar. A maioria desses refugiados chegava ao Porto sem dinheiro. Os que tinham algum queriam partir rapidamente, para que o dinheiro se não esgotasse entretanto. Esses refugiados tinham as seguintes nacionalidades: polacos, alemães, austríacos, belgas, checoslovacos, franceses, holandeses, búlgaros, luxemburgueses... Outros eram apátridas, outros ainda originários da Argentina e do Irão.

Uma outra organização que também ajudou os refugiados foi a 6ª Secção – Somekh Há-Golim ou «Amparo dos Desterrados» – da Comunidade Israelita do Porto, onde a figura do Capitão Barros Basto muito se destacou, cujo tipo de assistência era dado até então pela Secção «Patronato dos Trabalhadores» desta Comunidade.

Esta 6.ª Secção foi criada a 5 de maio de 1940, conforme se pode ler no Livro de Actas de reuniões da Direção da Comunidade Israelita do Porto, “devido à grave situação internacional” em que muitos judeus se viam “obrigados a abandonar a sua terra natal e a procurar uma nova existência noutras terras”. Assim, “como muitos se têm dirigido à nossa comunidade pedindo assistência, por proposta do Senhor Presidente [Barros Basto] é criada uma nova Secção, denominada Somekh Ha-Golim (Amparo dos desterrados), destinada a dar assistência moral e tanto quanto possível material a esses desterrados judeus, devendo criar-se um Arquivo Privativo desta Secção, onde serão seleccionados os documentos referentes a este assunto, incluindo o de casos já resolvidos antes da criação desta Secção”, lê-se no mesmo documento.

Acta n.º 169
Nos vinte e sete dias do mês de Nisan da Era Hebraica e a cinco de Maio de mil novecentos e quarenta da Era Vulgar nesta cidade do Porto e no Edifício da Sinagoga Kadmonie Mekor Haim, Sede da Comunidade Israelita (Sagrada Congregação Santa Vital), à Rua Guerra, número trezentos e quarenta se reuniram os membros do Mahamad e tomaram as seguintes deliberações:
Contas mensais — Resolvido aprovar as contas do mês de Abril findo.
Amparo dos Desterrados — Devido à grave situação internacional muitos dos nossos correligionários são obrigados a abandonar a sua terra natal e procurar uma nova existência em outras terras, e como muitos se têm dirigido à nossa Comunidade pedindo assistência, e a solução parcial ou total não estar de acordo com a finalidade de nenhuma das nossas secções, por proposta do Senhor Presidente é criada uma nova secção denominada Somekh Ha-Golim (Amparo dos Desterrados) destinada a dar assistência moral e tanto quanto possível, material a esses desterrados judeus, devendo criar-se um arquivo privativo desta secção onde serão coleccionados os documentos referentes a este assunto, mesmo o de casos já resolvidos antes da criação desta secção.
E não havendo nada mais a tratar se encerrou a sessão e se lavrou a presente acta que vai ser assinada.
Arthur Carlos Barros Basto
Mendel Y. Benet
Arquivaldo Rodrigues
Dr. Roberto Augusto Alves

Figura 8 – Acta n.º 169 do Livro de Actas de reuniões da Direção da Comunidade Israelita do Porto 05/05/1940 (Fonte: Arquivo da Comunidade Israelita do Porto)

Barros Basto acolheu muitas destas famílias nos almoços de sua casa, convívio particularmente facilitado pelo facto de a sua esposa, Lea Azancot, falar perfeitamente, entre outros idiomas, alemão.

Por outro lado, foram inúmeras as cartas dirigidas ao Capitão e à Comunidade por refugiados que tentavam a todo o custo entrar em Portugal, encontrando no Porto uma mão que os pudesse salvar neste momento apertado.

Ao todo, foram ajudados pela Comunidade do Porto mais de 200 famílias judaicas (a maioria polacos). Quando chegavam ao Porto (muitos deles entrando clandestinamente em Portugal através de Bragança, com a ajuda preciosa da Comunidade Israelita de Bragança e dos seus membros), a maioria dirigia-se para Lisboa onde estavam localizados os meios para poderem partir para outros países.

Emilio Rosenberg Hamburgo 20
Haystrasse 9 pt.

Hamburgo, 14. de fevereiro de 39

R 22 - Fev
22 - Fev

Ex.^{mo}. Snr. Capitão Barros Basto
Porto

Meu presado amigo e Senhor!

Que o meu caro amigo e toda a sua estimada familia gosam de boa saude é o que desejo e espero. A minha mulher e eu vamos indo regularmente de saude mas com muitas dores de cabeça por causa da nossa sorte futura e soffrendo muito pela perseguição dos judeus aqui. A nossa unica filha já nos deixou em setembro do anno pp^o. e seguiu para Nova York tendo ella logo arranjado trabalho e ganhando lá a sua vida, nos somos felizes que ella ja se encontra por fóra.

Eu da minha parte desde fim de setembro do anno pp^o. fiz tudo o possivel por receber a licença da entrada em Portugal e da fixação da residencia e apesar da ajuda dos meus muito bons amigos que eu tenho em Lisboa e que tambem fizeram tudo o possivel em meu pro tambem o meu cunhado Dr. Max fez esforços n'este contido infelizmente nao consegui coisa alguma ate' hoje o que sinto bastante pois foi o meu grande desejo de me estabelecer em Lisboa porque já conheço o meio, os comerciantes e enfim tenho em Lisboa a estimada familia da sua sogra que podia assistir e ajudar a minha mulher. Mas todos os esforços foram em vao e porque o Consul Geral de Portugal n'esta é muito amigo meu e muito benevolente para commigo elle me deu um visto para os Açores para a minha mulher e para mim. E agora venho para o fim d'esta carta i. é. em vista do nosso conhecimento e da minha amizade tao antiga com a familia da sua estimada esposa de pedir ao meu caro amigo o especial favor de me dar umas recommendações á comunidade Israelita em Ponta Delgada e se o meu amigo tiver conhecimentos pessoas em Ponta Delgada ficaria muito obrigado se me desse as recommendações tambem á estes.

Em viagem para os Açores passaremos tambem por Porto e n'este caso nao faltaremos de fazermos uma visita ao meu amigo e á sua estimada familia esperando que me dar á em breve uma resposta favoravel que desde já muito agradeço e ao mesmo tempo o seu endereço no Porto para poder encontral-o.

Com muitos cumprimentos da minha mulher e de mim para toda a sua estimada familia sou com um abraço
o seu am.^o. att.^o. e mt.^o. obr.^o.

Emilio Rosenberg

Figura 10 – Carta de Emilio Rosenberg de Hamburgo dirigida ao Capitão Barros Basto, a dar-lhe conhecimento do visto conseguido para os Açores e a pedir-lhe que o recomendasse junto da Comunidade Israelita de Ponta Delgada, 14/02/1939 (Fonte: Arquivo da Comunidade Israelita do Porto)

A Comunidade Israelita do Porto firmou, recentemente, um protocolo com o Museu do Holocausto, em Washington, para a cedência de milhares de documentos sobre os refugiados da II Guerra Mundial que receberam ajuda na cidade.

São sobretudo cópias da abundante correspondência trocada entre Barros Basto (então Presidente da Comunidade) e pessoas ou organizações judaicas de vários países vários e as fichas individuais de 416 refugiados que estão na posse da Comunidade.

COMISSÃO PORTUGUESA DE ASSISTÊNCIA AOS JUDEUS REFUGIADOS
LISBOA

114

Nom: Friedmann

Prénom: Sigmund

Profession: Kaufmann

Nationalité: Autrichien (Autriche)

Lieu de Naissance: Wien

Date de Naissance: 20.3.1893

Etat civil: Marié

D'où venu maintenant: Luxembourg

Résidence habituelle: Paris

Quelles visas: 21.3.1938 in Wien

98

Lisboa
Palácio

Form 218. Porto 6/2/41
nao Figo avis

r. files.

Honi: Fischer

Prénom: Jeanette

Nationalité: Esterr.

Lieu de Naissance: Matyasfold (Ung)

Date de Naissance: 13.8.1917

Etat civil: ledig

D'où venu maintenant: Paris, 12 Boulevard du Temple dann Lager.

Résidence habituelle: "

Quelles visas ils ont: "

Parents à l'étranger: no
Onkel: Seidman Paul, Haifa, P.O.B. 1410
Dr. Klein, Anito, Portugal

Date de l'arrivée à Porto: 28/6

Adresse à Porto: rua de Santo Ilderonso 307 priv.

Observations: Kindergärtnerin, abgelaufener Östr. Pass, erwartet Zertifika
nach Palestina, würde Einreise nach Ecuador, keine Mitrel.
siehe Blt. der Mutter Fischer Elise-Mayer und Bruder
Fischer Hans Wolfgang.

1º Pedalino em 1938 11 Setembro 1939
1º Paris
2º Ecuador servida em vizi address
(hann hämörisch und englisch)

Figuras 11 e 12 – Fichas individuais dos refugiados judeus registados pela Comassis na Comunidade Israelita do Porto (Fonte: Arquivo da Comunidade Israelita do Porto)

Bibliografia e Webgrafia

MILGRAM, Avraham. Portugal, Salazar e os Judeus. Lisboa: Gradiva, 2010.

PIMENTEL, Irene. Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

VAZ, Hugo Miguel Sacramento – *Museu Judaico Barros Basto. A Conceção de uma Coleção Visitável da Comunidade Israelita do Porto*. FLUP, 2012.

<http://www.porto24.pt/cidade/documentos-sobre-refugiados-apoiados-no-porto-vaopara-o-museu-do-holocausto-em-washington/>